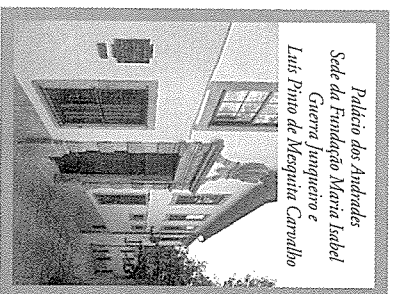


O TRIPTEIRO

Anual de 1908



EDITORIAL	194
A OITAVA MARAVILHA	
por: Manuel Serrão	195
A MEMÓRIA DE GUERRA JUNQUEIRO CONTINUA VIVA, 80 ANOS DEPOIS DA MORTE DO POETA	
por: Cristina Moura Fonseca	196
A PRATARIA DE JOÃO COELHO DE S. PAIO (1719-1784)	
por: Gonçalo de Vasconcelos e Souza	199
DOURO E LEIXÕES SOB O SIGNO DO BILHETE POSTAL	
por: Jorge Fernandes Alves	202
A CAPELA DE MÚSICA DA SÉ DO PORTO (Segundo A. de Magalhães Basto)	
por: Paula M. M. Leite Santos	205
JOSÉ DOMINGUES DOS SANTOS (1887-1958)	
Percurso de um inconfornista - I	
por: António José Queirós	208
HISTÓRIA DO CINEMA DO PORTO	
I – Os pioneiros. O cinema da Invicta Film	
por: Marc Barros	211
DO BEM COMER DO PORTO E DOS SEUS «SANTUÁRIOS»	
por: Ercílio de Azevedo	214
D. LOURENÇO CORRÊA DE SÁ E BENEVIDES	
Algumas curiosidades da vida deste portuense, que foi o Bispo do Porto	
por: Fernando Moreira da Silva	216
UMA HOMENAGEM A ANTÓNIO NOBRE EM PARIS	
por: José Augusto Seabra	217
O TRIPTEIRO COMPLETOU 95 ANOS COM ALMOÇO COMEMORATIVO	
por: C. M. F.	219
COMUNICAÇÕES DOS LETORES	220
VIDA CULTURAL	221
ACONTECEU HÁ 50 ANOS	223

PROPRIEDADE: ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO

SEDE: Rua do Parol - Monte da Luz, 5 • 4150-509 Porto
Telef. 22 610 23 28 / 22 615 42 83 • Fax 22 615 42 84

ADMINISTRAÇÃO: Tonás A. Moreira

João Ray Ribas dos Santos • Francisco de Almeida e Sousa

DIREÇÃO: Augusto Gacado

CONSELHO DE COORDENAÇÃO: Maria do Pilar Garcia • Alexandra Fernandes • José Freigoso • José Leão

Depósito Legal n.º 11457/86 • Registo na D.G.C.S. n.º 107649

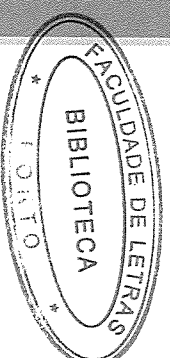
Revista Mensal • Preço: 5 € • Assinatura Anual: 50 €

EXECUÇÃO GRÁFICA: UNIAIRTE GRÁFICA/ORTO

TIRAGEM: 5000 EXEMPLARES

7.ª SÉRIE - ANO XXI • N.º 7 • JUNHO 2003

PATROCÍNIO: CAMARA MUNICIPAL DO PORTO



008(05)
Tm.



Douro e Leixões sob o signo do bilhete postal*

Jorge Fernandes Alves

DOURO e Leixões: horizontes de água, horizontes de barcos. E, no cruzar dos caminhos, o horizonte de todos os sonhos, se aceitarmos que o barco, para lá do «maior instrumento de desenvolvimento económico» do mundo ocidental é também «a maior reserva de imaginação», enquanto «espaço fluante, um lugar sem lugar» que nos leva de porto em porto, a múltiplos destinos⁽¹⁾. Desfiam-se, assim, os sonhos na cidade portuária e as imagens fixam-se na retina para sempre. Que o diga Ricardo Jorge, ao evocar, no Brasil, a sua infância, rememorando a cidade do Porto:

«No surgidoiro estreito do Douro, cavado entre ribanceiras empinadas, ancorava a frota de barcas, brigues, escunas e hiates, numa rede de mastros, vergas e cordame, tão cerrada que um bom marinheiro podia atravessar pelos ares este dedalo sem esforço – marinha veloz, mantida pelo tráfico da emigração e pelo comércio rei-nante com os portos do Brasil. Armadores e calefates aparelhavam e cavilhamam canvernemes no estaleiro do Oiro. Dia de festa o do lançamento à água (...) Atraiá as vistas e os gabos a carranca do navio – O Neptuno membrudo do tridente e coroa de bicos, ou a serieia de cauda enroscada em nós, ou o anjão de bochechas a soprar a tuba (...) O pobre do emigrante empilhava-se à proa a roer a pedreneira da bolacha de bordo e a sonhar com a árvore das patacas»⁽²⁾.

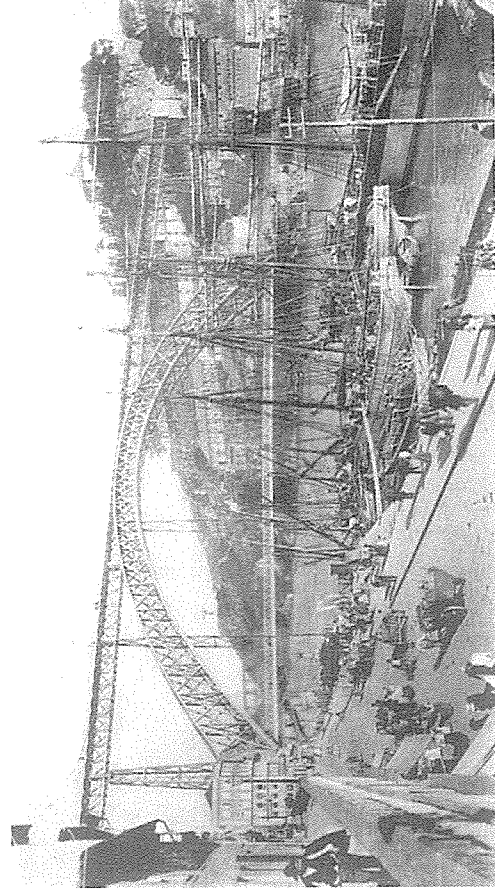
Na cultura de imagens que se desenvolveu, sobretudo a partir do século XIX, proporcionada pelo progresso técnico, poucas cidades surgem tão indelevelmente ligadas aos barcos como o Porto, alimentando a metáfora de uma viagem que se renova na alma de cada um. Já dissemos algures que o bulício portuário se tornou a imagem referencial da urbe portuense, pois a iconografia antiga quase não consegue representar a Cidade senão à flor da água, em função do rio Douro, das barcas e dos veleiros, da azáfama das gentes em carga e descarga⁽³⁾.

E a imagem da modernidade, veiculada pela fotografia, quando salta para o exterior, não se deixa seduzir também, em grande medida, pela água e pelas embarcações? Nas imagens e nas palavras, o rio Douro, com a sua ligação ao mar, ou seja, na sua função portuária, é, na verdade, o marcador que territorializa a cidade, que ajuda a demarcar o seu espaço de influência, que produz a mitologia da urbe.

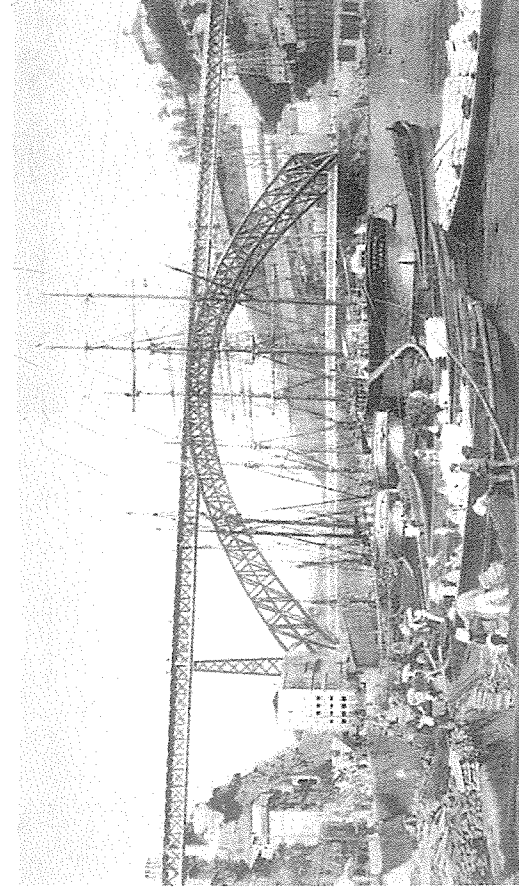
Para que os barcos aportem à Cidade e permitam o fluxo de trocas (de bens, de pessoas, de sonhos) criam-se ancoradouros que, face à evolução das embarcações, vão ganhando uma complexidade crescente, exigindo intervenções gradualmente engenhosas. Dificuldades da barra, labirintos de percurso, asso-reamento, enfim, um mar de problemas

emerge como impossibilidade de uma navegação que ganha ímpeto e dimensão com o vapor, traduzindo-se, ao nível do Douro, num sem fim de naufrágios, de recusas de acesso, de passagens ao largo.

«Ver passar os navios», ao longe, é afôrismo de negligência, é morrer! Na cidade do trabalho, os cinco sentidos apuram-se para tocar de perto as embarcações, para as fazer fundear nos ancoradouros que marginam a cidade, para compartilhar caminhos e sentidos, garantindo a chegada para prevenir as partidas. O acesso ao navio é manter a ligação umbilical ao mundo. Por isso, o jogo dos ancoradouros e dos canais de acesso, ou seja, da construção das estruturas portuárias relevantes, reforçamos o porto do Douro numa odisséia ur-



Porto – Ponte D. Luís I.



Porto – Cais da Ribeira e Ponte D. Luís I.